
Como treina a malta em portugal: etnografia do parkour na área metropolitana do Porto

How the malta train in Portugal, a parkour ethnography in the metropolitan area of Porto

Mariana Cavalcanti Pereira



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/7500>

DOI: 10.4000/pontourbe.7500

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Mariana Cavalcanti Pereira, « Como treina a malta em portugal: etnografia do parkour na área metropolitana do Porto », *Ponto Urbe* [Online], 25 | 2019, posto online no dia 25 dezembro 2019, consultado o 31 julho 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/7500> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.7500>

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 julho 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Como treina a malta em Portugal: etnografia do parkour na área metropolitana do Porto

How the malta train in Portugal, a parkour ethnography in the metropolitan area of Porto

Mariana Cavalcanti Pereira

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 04/04/2019

Aceitação / Accepted 03/08/2019

Introdução

- 1 Este artigo revela algumas reflexões do meu diário de campo durante o período de doutorado-sanduíche¹ em Portugal, onde realizei uma pesquisa sobre a prática do parkour na área metropolitana do Porto². A investigação foi desenvolvida ao longo de 6 meses, nos quais procurei entrar em contato com a “malta”³ do parkour e acompanhá-los tanto nos treinos indoor da Academia Eu+, situada em Vila Nova de Gaia, quanto nos treinos abertos que acontecem em diversos spots⁴ da cidade.
- 2 O parkour é comumente definido como uma prática que consiste ir de um ponto A ao B da forma rápida e eficaz, ultrapassando obstáculos, especialmente em espaços urbanos, mas também podendo ser realizado em contextos não urbanos. Essa prática, desde sua classificação enquanto tal, até hoje, passa por uma série de ressignificações e disputas que tensionam a sua própria definição, uma vez que outras atividades como o *freerunning* e a ginástica, por exemplo, são constantemente confrontadas dentro da dinâmica na qual o parkour também está inserido. No caso do cenário português, a

modalidade vem adquirindo certa projeção mundial em virtude da organização dos traceurs em associações e promoção de eventos, além de um forte intercâmbio internacional (FERRO, 2016)

- 3 A seguir, apresento sobre alguns pontos importantes sobre a minha entrada no campo e sobre a constituição da organização dos traceurs na área metropolitana do Porto: os espaços e treinos na academia e na rua, os eventos organizados pela Academia Eu+, os trajetos e as sociabilidades observados no âmbito da minha pesquisa.

Ultrapassar os primeiros obstáculos: a entrada no campo

- 4 Não somente estrangeira, eu era uma completa estranha para os traceurs de Portugal. Eles, para mim, nem tanto, tendo em vista que já os acompanhava pelas redes sociais há alguns meses antes de vir morar no Porto. Sem uma intermediação prévia, cabia a mim tentar visualizar os possíveis caminhos e estratégias para estabelecer algum contato que me permitisse conhecer mais de “perto e de dentro” a dinâmica da prática do parkour não só na cidade do Porto, mas em sua área metropolitana, pois esta abrange diversos municípios e cuja mobilidade entre os mesmos é intensa.
- 5 Sendo uma prática com forte projeção na internet, o parkour conta com inúmeros perfis no Instagram e canais no YouTube que registram e divulgam conteúdo produzido por traceurs de diversos lugares no mundo inteiro, seja a nível individual ou organizado por grupos. Assim, minhas principais fontes de mapeamento de traceurs e spots foram essas duas plataformas, em especial o Instagram em relação às primeiras tentativas de contato com os traceurs portugueses.
- 6 A partir do perfil da Academia Eu+, um espaço fechado de aulas de parkour, pude observar nas curtidas das fotos e vídeos postados, além dos seus seguidores, traceurs residentes em Portugal que alimentam suas redes sociais, especialmente o Instagram, com fotos e vídeos de treinos. Percorrer esses perfis me possibilitou esboçar uma cartografia dos spots, de atletas e de grupos de referência para o Parkour no Porto, construindo uma espécie de croqui, listando nomes que se sobressaem nesse universo.
- 7 Na minha pesquisa, entrei em contato via mensagem privada do Instagram com alguns traceurs, visando algum intermediário para a entrada no campo. Esse aplicativo pode ser uma ferramenta muito útil em trabalhos realizados com grupos que possuem uma forte expressão nas redes sociais. Entretanto, também é necessário pontuar aqui algumas dificuldades. Primeiro, muitos desses perfis têm milhares de seguidores e uma movimentação intensa de comentários e curtidas, levando com que o dono do perfil esteja de uma onda frenética de notificações. Essa movimentação pode levar a uma possível demora nas respostas ou até mesmo a nenhum feedback à tentativa de contato.
- 8 Este fato leva ao seguinte: ao mesmo tempo que a internet facilita essa aproximação com pessoas e lugares distantes social ou fisicamente, ela descortina barreiras que somente a interação face a face parece possibilitar. A era digital inaugurou outras formas de linguagem em que o processo de adaptação envolve uma compreensão e atualização constantes daqueles que se utilizam com frequência dos serviços e aplicativos na internet. Manusear o aparato de ferramentas digitais ultrapassa a capacidade de identificar as novidades de performance de aplicativos e afins; trata-se, também, de uma plasticidade gramatical que supera, de imediato, o mero uso daquilo

que é considerado a norma culta da língua. Falo de assimilar, assim, como é feito no processo de aproximação “ao vivo” de grupos e indivíduos, esses códigos de condutas que permeiam a internet e estão imersos nas abreviações de palavras e neologismos, emojis, gifs e memes. A partir disso é que constato que um longo mapeamento, até mesmo uma certa postura de “flaneur” da web, pelo perfis e conteúdos de parkour foi de grande valia antes de entrar em contato com os traceurs.

- 9 Além de tentar compreender as performances e linguagens a partir dos meios digitais, mantive um exercício frequente de remodelar o meu olhar na cidade (URIARTE, 2013), procurando romper não apenas os enquadramentos da visão, mas também os da minha relação corporal com o outro e com o urbano (NASCIMENTO, 2016) .
- 10 De início, eu possuía uma tendência maior a procurar ambientes “prováveis” para parkour: espaços próximos a igrejas, câmaras, parques, praças etc, pois de fato, são lugares muito frequentados pelos traceurs, especialmente quando estão em grupo; às vezes esses espaços possuem equipamentos variados, auxiliando na variabilidade também dos movimentos (escaladas, saltos, mortais etc). Mas ao longo da pesquisa fui compreendendo que o parkour está naquilo que salta aos olhos, mas está, sobretudo, nos pormenores. Atentar para esses detalhes é uma tarefa de paciência, pois os treinos para os mais leigos pode permanecer por um tempo centrado na amplitude de um salto ou na excitação de um “mortal”.
- 11 Foi preciso, dentro das minhas limitações e habilidades, tentar me aproximar ou passar pelos mesmos lugares que os traceurs. A estratégia de fotografar os treinos foi de extrema importância nesse exercício, pois o simples ato de subir alguns batentes ou parede me proporcionava enxergar pequenos mas significativos detalhes.

Atravessamentos entre internet, academia e rua: corpos, sociabilidades e espaços de treino

- 12 As plataformas de compartilhamento, especialmente o Instagram e YouTube, possibilitam a interação com outros traceurs ou simpatizantes, os quais podem encher de elogios e frases de incentivo os praticantes, assim como podem sugerir a aplicação de outras técnicas corporais para determinados movimentos. Tanto as fotos quanto os vídeos, além de servirem como espécies de tutoriais, também funcionam como uma vitrine passível de avaliação e/ou críticas. No âmbito da minha pesquisa, percebi que a partir da exposição de vídeos e fotos nas redes sociais, os traceurs articulam-se em torno de uma rede de contatos que ultrapassa a área metropolitana do Porto e mesmo de Portugal, proporcionando um constante intercâmbio entre praticantes de parkour do mundo todo.
- 13 No que tange às trocas entre traceurs de diferentes lugares, para os traceurs, visitar outra cidade ou país implica quase sempre em um tipo de viagem onde o olhar e a prática adquiridos permitem desvendar outras facetas e usos dos espaços, principalmente em contexto urbano. Além disso, compartilhar a prática nas plataformas digitais facilita a inserção do traceur, ao menos a nível dos treinos de parkour, na rede de sociabilidade de outros lugares:

Onde quer que eu vá, procuro pelo Instagram ou Facebook outros traceurs daquela cidade e posso encontrar-me com eles para treinar. Dificilmente estarei sozinho. Já recebi pessoas de fora na minha casa e também fui recebido em outras cidades. Isso

é possível mesmo que eu não os conheça pessoalmente. (Tiago, 19 anos. Traceur português)

- 14 O parkour pode provocar, assim, relações de sociabilidade que são suscitadas antes mesmo do contato feito pessoalmente e desdobram-se nos momentos de interação face a face. Além disso, as ocasiões de treinos constituem uma verdadeira gama de possibilidades para explorar não só a cidade, mas também o corpo.
- 15 Segundo os traceurs, para fazer parkour é preciso ter uma série de cuidados que envolvem consciência do próprio corpo, conhecimento das suas articulações, noção do peso e da velocidade necessários para o movimento; é preciso, especialmente, estar ciente do estado físico e mental no qual se encontra. A concentração é o primeiro passo – ela antevê o movimento, focaliza o objetivo, calcula prós e contras, estuda como deve ser a distribuição corporal. É um exercício de construir uma ponte imaginária entre dois ou mais pontos no espaço.
- 16 Como qualquer outra prática corporal, existem técnicas para facilitar a realização dos movimentos, bem como torná-los mais seguros e eficientes. Essas técnicas são sempre compartilhadas entre os traceurs, que ao treinarem em grupo, observam atentamente seus colegas, aconselham-se, trocam ideias e, sobretudo, comemoram em conjunto. Um gesto muito frequente entre os colegas de prática é um toque com as mãos fechadas após a realização de um movimento, é um sinal de incentivo e de reconhecimento. Também as técnicas podem ser frutos tanto da troca face a face de informação ao longo dos treinos, como podem ser adquiridas em vídeos, em aulas com profissionais em Academias de Parkour, e mesmo de forma solitária – o que ajuda a desenvolver, segundo os traceurs, uma grande consciência corporal.
- 17 Ao questionar os traceurs a respeito do processo de descoberta dos spots ideais para a prática do parkour, a maioria afirma que os achados se dão a partir de um olhar mais aguçado no próprio cotidiado, ou ao lembrarem de algum lugar onde já passaram e parece adequado ao treino. A ampliação do leque de spots também ocorre devido à troca existente entre os traceurs. Muitos moram em regiões diferentes da cidade e, por isso, também possuem conhecimento de distintas arquiteturas e espaços, levando-os a variar bastante os lugares de treino. Apesar de existirem lugares específicos onde os traceurs mantêm uma constância de treino maior, é comum a ideia de que “lugar de fazer parkour é qualquer lugar”.
- 18 A Academia Eu+, inaugurada em 2016, é a única no Porto a ter aulas de parkour e referência entre os membros da comunidade no país. Ela é composta de diversos obstáculos feitos em madeira, pensados e desenhados pelos traceurs proprietários do estabelecimento. A arquitetura replica alguns obstáculos facilmente vistos no espaço urbano e possui também algumas estruturas com camas e espumas. Além disso, há um espaço separado, mais alto, onde os pais dos alunos podem ficar sentados observando seus filhos, já que a Academia conta com um considerável número de crianças nas aulas e os seus tutores muitas vezes querem supervisionar os treinos. Segundo um dos professores, não é permitido aos pais acessarem o espaço de treino, pois alguns deles querem intervir nos exercícios.
- 19 Durante as aulas, professores e alunos, conversam sobre determinada parte dos obstáculos da academia, tentam desenvolver uma sequência de movimentos e debatem sobre as técnicas corporais para realizá-los. Há uma atmosfera descontraída, sempre com muitas palavras e gestos de incentivo entre os alunos e professores. Durante minha pesquisa, só vi uma menina nos treinos, sendo todo o restante constituído por homens.

Como a maioria das outras práticas urbanas, a inserção de mulheres no parkour ainda é incipiente.

- 20 O parkour geralmente é associado à ideia de não competição entre pares, devendo ser buscada somente a superação de si mesmo. Contudo, esses discursos de não competição são cada vez mais ressignificados, especialmente diante do recente embate com a Federação Internacional de Ginástica que decidiu colocar o parkour como uma modalidade pertencente à Ginástica nos Jogos Olímpicos. Esse acontecimento gerou um movimento internacional chamado “We are not gymnastics”⁵, no qual se repudia a atitude da FIG e o apoio de David Belle⁶ à mesma, e reivindica o parkour como uma disciplina autônoma da Ginástica, possuindo sua própria complexidade e lógica, apesar de ser semelhante em alguns pontos estéticos.
- 21 Em Portugal, a comunidade organizada do parkour, representada pela Associação Portuguesa de Street Workout e Parkour, apoia o movimento “We are not gymnastics” e vem tentando promover alguns eventos de competição elaborados pelos próprios traceurs. A Academia Eu+, em abril de 2019, sediou uma pré-seleção do Campeonato Nacional de Parkour, dividida por escalões de faixa etária, em que podiam participar alunos e não alunos, a partir do pagamento de uma taxa.
- 22 Apesar das aulas serem pagas, a Academia frequentemente promove um tipo de eventos chamado “Jam”, que se trata basicamente de treinos livres em vários lugares da cidade. Essas ocasiões servem tanto para proporcionar um momento de experiência na rua para aqueles que treinam na Academia, como para divulgar a prática para os cidadãos. As Jams são divulgadas por meio das redes sociais e geralmente reúnem traceurs não só das cidades da área metropolitana do Porto, como de Portugal e até mesmo de outros países.
- 23 Na ocasião de uma Jam que ocorreu na Maia, cidade vizinha ao Porto, participaram alunos e não alunos da Academia Eu+. A Jam estava marcada por volta das 10h, na frente do prédio do Fórum da Maia. No momento em que cheguei, havia em torno de 20 traceurs, que conversavam entre si e tentavam realizar alguns movimentos. Os traceurs não se concentram todos num mesmo local, dividindo-se em pequenos grupos, de acordo com seus “interesses” de movimentação no momento. Alguns descem as escadas de cabeça para baixo, outros exploram muros mais altos, outros treinam “mortais” na grama. Esse primeiro spot, a parte frontal do Fórum da Maia, é composto por diversos muros, de diferentes tamanhos e escadas, bem como por um grande espaço com grama. As conversas, na sua grande maioria, são sobre os movimentos, sempre com incentivos e aconselhamentos em relação às técnicas corporais.
- 24 Os olhares de quem passa próximo à Jam são diversos. Idosos, adultos, jovens e crianças, ninguém ficava imune àquelas pessoas saltando sobre os muros e escadas da Fórum. Alguns direcionavam olhares evasivos, outros de reprovação, mas a maioria era curiosa e deslumbrada, especialmente as crianças, que, mesmo muito pequenas, aparentando ter algo entre 2 e 4 anos, pareciam querer andar, quase que involuntariamente, em direção ao pessoal que treinava, todas elas reprimidas pelos pais ou responsáveis, com frases como “Volta pra cá, menino!”, “Não vai pra essa grama porque é onde o cachorro faz cocô”.
- 25 Do outro lado do Fórum, existe um anfiteatro e diversos pilares e muros com drops⁷ diferenciados. A essa altura do tempo, já havia cerca de 30 traceurs que se espalhavam mais ainda, dado o lugar ser mais amplo e com uma arquitetura mais diferenciada que o primeiro. Os traceurs vibram muito com o sucesso da realização de determinados

movimentos dos seus colegas e passo a torcer também, sentindo-me realmente ansiosa em vê-los alegres diante do movimento desenvolvido após várias tentativas. Além de feliz, também fico apreensiva com alguns saltos mais “arriscados”. Às vezes tento desviar o olhar com medo de enxergar algum acidente, mas aos poucos perco esse receio e me aproximo mais dos lugares. Perguntas como “O drop é grande?”, além de cumprimentos entre os colegas como forma de parabenizar um movimento sempre são observadas. Esses cumprimentos constantes me remetem ao discurso de vários traceurs sobre o senso de família ou comunidade existente entre eles.

- 26 Alguns traceurs sobem no topo do Fórum e todos vibram e apontam para eles a fim de que os colegas vejam a cena. Outros andam sobre o teto de outra parte da estrutura do prédio. Um segurança chega e repreende os traceurs, que por sua vez não o questionam, apenas saem e prontamente buscam outros espaços para treinar.
- 27 Após um tempo, os traceurs resolvem ir a outro spot. Dessa vez, o Skate Park, ainda na cidade da Maia. Rapidamente se espalham no espaço, a exceção do lado esquerdo já ocupado pelos skatistas. São vários os movimentos realizados em diferentes equipamentos do parque: saltos de precisão, mortais, *monkeys*⁸ etc. O exercício de explorar a arquitetura passa pela observação, tentativa, improviso e diálogo entre os pares. Os movimentos vão sendo “desenhados”, adequados, reparados e, também, adaptados às potencialidades de cada traceur.
- 28 Já quase ao anoitecer, mudamos para outro spot. Dessa vez, uma pracinha com muitas árvores, mesas e bancos de concreto entre dois conjuntos de prédios residenciais. Alguns moradores olhavam pelas janelas e, cada vez mais, eu escutava o barulho delas sendo fechadas. A cena, de início, para quem avistava pela janela ou de longe, poderia parecer curiosa ou ameaçadora. Quase 40 rapazes e duas meninas (eu e uma traceuse⁹) a saltar por sobre os muros, bancos e árvores numa área residencial.
- 29 Os traceurs por vezes treinam em praças, parques e lugares centrais ou situados dentro de um contexto mais turístico (como é o exemplo do Jardim do Morro, Quinta do Covelo ou na Ribeira), ou em spots que, mesmo não sendo centrais, possuem uma complexidade arquitetônica e não passam tão facilmente desinteressados aos olhares que se deparam com eles. Mas os treinos podem ocorrer em lugares que para alguém de fora da prática seriam completamente despercebidos. Uma pequena escada em uma rua, dois bancos de uma calçada ou uma parede com uma leve saliência que possa ser agarrada com as mãos.
- 30 Apesar de usarem espaços de amplitude maior para desenvolver algum movimento, as possibilidades suscitadas pelos detalhes são também exploradas com vigor. Os traceurs frequentemente concentram-se em microespaços e passam um longo tempo dialogando sobre as diferentes perspectivas de aproveitamento de determinados obstáculos e técnicas utilizadas para realizar melhor os movimentos. Também procuram perceber os ambientes a partir de diferentes alturas, tateiam as superfícies, limpam constantemente as pontas dos tênis para que não haja interferência de pequenos objetos ou materiais porventura aderidos neles.
- 31 A gravação de vídeos também ocorre de forma intensa, uma vez que dada a efemeridade do movimento, o registro pode ser uma forma de perpetuação no tempo e espaço (CALDEIRA, 2012). Como em vários treinos que pude acompanhar, tanto na Academia, quanto na rua, percebi nos olhares fixos, testas franzidas ou movimentos dos braços a tomar impulso, expressões corporais que denotam cálculos necessários para a realização dos movimentos, medição da distância pela escada de pés e sempre muitas

conversas sobre as possibilidades de aproveitamento do espaço e do corpo, ou mesmo da análise de ângulos mais interessantes para o registro de fotos e vídeos.

- 32 O parkour, assim, é um exercício que envolve a reflexão, diálogo entre os pares e uma relação de conhecimento com o próprio corpo e com o espaço, além de ter uma dimensão performativa que atravessa o *online* e o *offline*.

33

Considerações finais

- 34 Assim como em outras práticas fortemente atravessadas pela internet, observar as relações que o *offline* e *online* possuem na prática de Parkour é importante para entender como essas duas dimensões “são produtoras sociabilidades reais, formas de lazer (...) modos de produção e consumo, bem como de múltiplas possibilidades de produção de sentidos sobre a informação e a comunicação.” (Marcon 2015: 175). Dado isso, a necessidade de não só discorrer a respeito das nuances do parkour na internet, sobretudo nas plataformas de compartilhamento, como também a de reconstruir o itinerário de pesquisa que partiu do contato com os traceurs por meio dessas mesmas plataformas.
- 35 Um ponto interessante a ser ressaltado é a própria categoria de “traceur”. Uma vez que o parkour se dilui por outras práticas, fica cada vez mais complexo conceber, para os próprios praticantes, uma definição que porventura possa prendê-los a uma única faceta dessa atividade. Foi possível ouvir de alguns interlocutores uma recusa ao termo “traceur”, optando pela própria indefinição, ou sugerindo outros termos como “parkueiro” ou simplesmente como uma pessoa curiosa pelas práticas que auxiliem no desenvolvimento de consciência corporal. Essa ideia pode constituir um ponto interessante de aprofundamento dentro da temática do parkour, possibilitando compreender o status dessa prática emergente e a relação entre identidade, corpo e espaço que os seus praticantes desenvolvem dentro de um contexto social mais amplo.
- 36 A categoria “treino”, um termo comumente utilizados pelos praticantes de parkour, é outra dimensão passível de melhor compreensão, pois pode gerar uma tendência, sobretudo a quem não experiencia esse universo, a considerar os momentos em que estão a realizar movimentos como exclusivamente um preparo para uma eventual prova. O treinar pode ser encarado de diversas formas, a depender da relação que o praticante possui com a prática de parkour. Portanto, “treinar” parkour pode atravessar experiência lúdicas, experiências de caráter profissional, pessoal e, às vezes, os três em simultâneo.
- 37 Durante a pesquisa, observei atores de várias idades e com expectativas e relações distintas com a prática do parkour. Esta, assim como outras práticas, tende a ser comumente relacionada às perspectivas que o associam à ideia de subcultura juvenil. Entretanto, por ser um universo extremamente heterogêneo e que desafia cada vez mais as categorias estabelecidas de juventude, uma análise voltada para a compreensão das configurações culturais e dos projetos individuais que são esboçados nas relações com essas práticas pode apresentar direções que revelem de forma mais rica a complexidade de práticas como esta (FERRO, 2016).
- 38 No que tange à relação dos atores com os espaços urbanos, os discursos de um parkour “puro” ou “raiz”, feito exclusivamente na rua, toma cada vez mais outros contornos. Os

traceurs usam o espaço da rua não necessariamente como uma reivindicação de um território, mas como plano de suas práticas específicas, sendo, portanto, interessante analisar como esses atores sociais concebem as ruas enquanto lugares simbólicos e de sociabilidades (idem, *ibid.*). Um ambiente fechado, destinado exclusivamente ao treino de parkour, não é desvalorizado pelos traceurs, mesmo aqueles que não fazem aulas. Pelo contrário, consideram uma oportunidade viável para dias de chuva ou frio, por exemplo, ou mais seguros em virtude do acompanhamento de profissionais, sobretudo nos casos de iniciantes na prática.

- 39 Por fim, pode-se dizer que o parkour é uma prática ainda em desenvolvimento e com diversos aspectos em tensão que valem um estudo em profundidade, como por exemplo: o processo de esportivização que a modalidade vem passando; os atravessamentos da performance entre o online e o offline, especialmente no que se refere aos conteúdos produzidos para plataformas de compartilhamento; as diversas trajetórias, expectativas profissionais e relações subjetivas dos praticantes com o parkour; a relação do corpo com o espaço.

40

BIBLIOGRAFIA

CALDEIRA, T. P. 2012. Inscrição e circulação: novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo. Trad. de Claudio Alves Marcondes. *Novos Estudos*: n. 94: 31-67

FERRO, Lúcia. 2016. Da rua para o mundo: etnografia urbana comparada do graffiti e do parkour. Lisboa: ICS.

MARCON, Frank. 2015. Kuduro e os usos da internet na produção e consumo do estilo. In: GONÇALVES, R. et al (org.), *Expressões artísticas urbanas: etnografia e criatividade em espaços atlânticos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ. pp. 173-187.

NASCIMENTO, Silvana. 2016. A cidade no corpo: diálogos entre corpografia e etnografia. *Ponto Urbe* [On line], n.19. Consulta em 15 de abril de 2019.

URIARTE, Urpi Montoya. 2013. Olhar a cidade. *Ponto Urbe* [On line], n.13. Consulta em 15 de abril de 2019.

NOTAS

1. Realizado no âmbito do Programa de doutorado-sanduiche no exterior (PDSE), financiado pela CAPES. Esta pesquisa trata-se de uma parte da tese em Ciências Sociais que venho construindo sobre as relações de corporalidade, espacialidades e sociabilidades presentes no universo do Parkour. Essa pesquisa, realizada na cidade do Porto, contou com a coorientação da professora Lúcia Ferro.

2. A área metropolitana do Porto atualmente abrange 17 municípios e tem sua sede na cidade do Porto.

3. Termo para se referir a um grupo. Pode ser equivalente ao termo “galera” utilizado no Brasil.
 4. Termo comumente utilizado na Europa para fazer referência aos espaços onde ocorrem treinos.
 5. “Nós não somos ginastas”. A frase foi divulgada principalmente a partir de uma carta aberta feita pela organização inglesa Parkour UK.
 6. Traceur francês, considerado um dos precursores do parkour no mundo. Uma grande parte da comunidade do Parkour acusa Belle de “se vender” à FIG e de desrespeitar a autonomia e a essência da prática.
 7. Impacto da aterrissagem, força empregada na distância do ponto de partida até o ponto da aterrissagem.
 8. Movimento em que o traceur apoiando os braços sobre um obstáculo, passa suas pernas entre aqueles e finaliza o movimento de pé ou seguido de um rolamento.
 9. Substantivo feminino para o termo traceur.
-

AUTOR

MARIANA CAVALCANTI PEREIRA

Doutoranda em Ciências Sociais – Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) E-mail:
mari1917@gmail.com